

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**OS DESAFIOS DO PROFESSOR NA ATUALIDADE: UMA EXPERIÊNCIA NO  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

**JULIANA SILVA DE ARAÚJO**

**GUARABIRA  
2018**

**JULIANA SILVA DE ARAÚJO**

**OS DESAFIOS DO PROFESSOR NA ATUALIDADE: UMA EXPERIÊNCIA NO  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup> Me. Jorilene Barros da Silva Gomes

**GUARABIRA**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A658d Araújo, Juliana Silva de.

Os desafios do professor na atualidade [manuscrito] : uma experiência no estágio supervisionado / Juliana Silva de Araújo. - 2018.

38 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Jorilene Barros da Silva Gomes, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Estágio supervisionado. 2. Ensino de história . 3. Relação teoria e prática.

21. ed. CDD 371.227

AGRADECIMENTOS  
JULIANA SILVA DE ARAÚJO

**OS DESAFIOS DO PROFESSOR NA ATUALIDADE: UMA EXPERIÊNCIA NO  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Agradeço a Deus por tudo que me proporcionou com a maior das maravilhas: a natureza, a Vida e com ela o Saber.

Aos meus familiares, em especial a minha mãe Maria José de Araújo, ao meu noivo Henderson Pereira e as minhas irmãs Camilla Araújo e Geiselle Araújo, aos quais dedico todo esforço e empenho para a concretização de uma etapa em minha vida.

A todos os amigos que fiz na minha trajetória acadêmica, que levarei para minha vida, com a maior alegria e aprendizado e enriquecimento acadêmico.

A Profª Jorilene (UEPB/GBA) por sua orientação e incentivo durante este trabalho.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador (a): Profª Me. Jorilene Barros da Silva Gomes

Aprovada em 05/06/2018

Enfim, a todos os amigos, familiares que direta ou indiretamente me apoiaram, me incentivaram e impulsionaram a essa concretização.

BANCA EXAMINADORA

Jorilene Barros da Silva Gomes  
Orientador (a): Profª. Me. Jorilene Barros da Silva Gomes

Edna Maria Nóbrega Araújo  
Examinador (a): Drª. Edna Maria Nóbrega Araújo

Joedna Reis de Menezes  
Examinador (a): Drª Joedna Reis de Menezes

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, o Senhor da Criação que me presenteou com a maior das maravilhas da natureza: a Vida e com ela o Saber.

Aos meus familiares, em especial a minha mãe Maria José de Araújo, ao meio noivo Handerson Pereira e as minhas irmãs Camila Araújo e Gessica Araújo, aos quais dedico todo esforço e empenho para a concretização de uma etapa em minha vida.

A todos os amigos que fiz na instituição de ensino UEPB-CAMPUS III, que levarei para minha vida, com a mesma, o meu agradecimento por tamanho aprendizado e enriquecimento acadêmico.

À Profª Jorilene Barros por me orientar tão pacientemente nesse relatório.

Às professoras Joedna Menezes e Edna Nóbrega por aceitarem ler o meu trabalho e pelas contribuições.

Enfim, a todos os amigos, familiares que direta ou indiretamente me apoiaram, me incentivaram e impulsionaram a essa concretização.

## RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso consiste na apresentação do Relatório de Estágio Supervisionado onde expressei relatos reflexivos das experiências e observações realizadas no Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho, apresentado ao Componente Curricular Prática Pedagógica, no ano de 2012.1 do curso de Licenciatura Plena em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba. Proponho uma reflexão sobre a função, a formação e a identidade do professor de história e sua constituição. O texto apresenta a realidade que se encontra na escola, bem como a relação entre o professor e o aluno dentro da sala de aula, assim como também aborda os caminhos trilhados pelo ensino no Brasil apontados por Libâneo (2003).

**Palavras-chave:** Estágio; ensino de história; experiência; relação teoria e prática.

## **ABSTRACT**

This conclusion work of course consists in presentation the phase supervised report. At where show reflective stories of experiences and observations realized at the Education "Raul de Freitas Mousinho" Center showed to practice pedagogic curricular components. In the year 2012.1 graduation full in history course, of humanities University Center state of Paraíba. I propose a reflection on the role, the formation and the identity of the teacher of history and its constitution. The text exhibit the reality what is found at school, how the teacher student relation inside of classroom. So also broach of teaching advances pointed out by Libâneo.

**Keywords: Internship; history teaching; experience; theory and practice relationship.**

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1: Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho .....</b>	<b>02</b>
<b>Figura 2: Ginásio. ....</b>	<b>10</b>
<b>Figura 3: Banheiro feminino .....</b>	<b>10</b>
<b>Figura 4: Bebedouro .....</b>	<b>11</b>
<b>Figura 5: Biblioteca .....</b>	<b>11</b>
<b>Figura 6: Cantina .....</b>	<b>11</b>
<b>Figura 7: Pátio.....</b>	<b>12</b>

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	8
2. A EXPERIENCIA.....	9
2.1 Caracterização da turma .....	12
2.2 O perfil do professor em sala de aula .....	14
2.3 Minhas experiências .....	15
3. A FUNÇÃO DO PROFESSOR.....	18
3.1 Como deve ser a formação do professor de história.....	22
3.2 A identidade .....	26
4. OS AVANÇOS DO ENSINO NO BRASIL .....	30
4.1 A realidade educacional da sala de aula.....	36
CONSIDERAÇÕES.....	38
REFERENCIAS .....	39

## 1. INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como desígnio socializar o processo de Estágio Supervisionado realizado pelos alunos do curso de Licenciatura em História, mostrando o decorrer da regência feita por mim em uma turma de alunos de uma escola pública. O estágio escolar é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Nº 9394/96). Concedendo assim a chance do profissional em formação de aliar teoria a prática docente.

O trabalho inicialmente demonstra a observação da escola em que ocorreu o estágio, o que permitiu uma aproximação com a realidade escolar. Assim, apresento nesse relato as experiências que podem servir na minha construção profissional enquanto professora, as particularidades que formam o convívio escolar e o desencadear do processo de regência, narrando em linhas gerais a minha convivência e opinião sobre o processo de construção da educação e a relação entre professor e aluno.

Sendo assim, esse estudo faz referência aos seguintes tópicos: o desenrolar das observações e discussões sobre o estágio, em que exponho as minhas experiências para a produção deste relatório; a discussão sobre a função do professor de história, bem como sua formação e sua identidade; os avanços do ensino no Brasil em que traço as tendências pedagógicas que tem-se firmado nas escolas pela prática dos professores e por fim relato o meu cotidiano como professora regente e a relação direta com os alunos da escola.

Neste sentido, este trabalho busca possibilitar reflexões acerca da prática escolar e de como o estudante de graduação de história tem um primeiro contato com este universo, que apesar de conhecido previamente é totalmente diferente quando se esta na postura e/ou função de professor.

Ensinar não é tarefa fácil, ainda mais quando estamos em um mundo totalmente globalizado que possibilita milhões de informações sobre métodos e práticas de ensino e nós professores iniciantes nos encontramos totalmente perdidos em qual caminho seguir, por isto é de suma importância a experiência no estágio supervisionado, pois é a partir dela que conseguimos inicialmente construir um ideário do tipo de professor que desejamos ser. Sendo assim, é

sobre este momento de Figura 2: Ginásio. Fonte: Arquivo da autora, 2017.

“novidade” na vida professor que este trabalho se desdobrará e fará alguns apontamentos e reflexões.

## 2.A EXPERIÊNCIA

A princípio, fui a campo para reunir informações sobre a escola e a partir das observações realizadas elaborei a caracterização da estrutura física e material da escola.

O Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho, sediado na Rua Henrique Pacífico, nº 262, CEP: 58200-000 é uma unidade de ensino mantida pela Prefeitura Municipal do Município de Guarabira. sobre a orientação da Secretaria Municipal de Educação

Figura 1

através de recursos adquiridos pelo FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e da Valorização dos profissionais da Educação). Esta escola foi fundada em fevereiro de



2003, porém não funcionou inicialmente em prédio próprio. Somente em novembro de 2002 passou a se localizar no bairro primavera, Mousinho. Fonte: Arquivo da autora, 2017.

caracterizado por uma população

que vai da classe baixa a média. Aos redores da escola encontram-se casas, residências, comércios, igrejas, e outras escolas públicas e particulares.

Em homenagem a um empresário da Região, o senhor Raul de Freitas Mousinho, a escola foi denominada de Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho. Esta oferece os seguintes níveis de ensino: o Fundamental II e a Educação de Jovens e Adultos (1º e 2º segmentos). Este Centro conta ainda com a parceria de algumas instituições e empresas, como o Instituto Alpargatas e Camargo Corrêa. Parcerias essas que contribuem com aprendizado promovendo os projetos *Alunos nota Dez* e *Professores nota Dez*. O projeto oferece capacitação de professores e os estimula a desenvolverem aulas com

assuntos e temas interdisciplinares, além de promover jogos escolares, prêmios de incentivo aos alunos, professores, gestores e conta também com seminários para troca de experiências de aprendizagem.

Figura 2



Ginásio. Fonte: Arquivo da autora, 2017

O Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho possui cerca de 30 professores, todos formados e apenas um tem mestrado. A direção é formada pela Gestora Francicleide Rodrigues, o vice Gestor José Damásio, três secretários e pela Coordenadora Pedagógica Niegda Marreiro.

Encontram-se matriculados aproximadamente 598 alunos nesta Instituição. A escola possui 08 salas climatizadas. Cada sala tem um birô e um quadro branco. Também possuem

aparentemente uma boa iluminação.

A Instituição ainda dispõe de uma diretoria com banheiro próprio, uma secretária com computadores e impressoras, uma sala climatizada para professores com armários, mesas de reuniões para docentes e cadeiras. Os materiais pedagógicos disponíveis são TV (portando 02), DVD (sendo 01), Máquina fotográfica (detendo 01), Projetor de imagens (constituindo 02) e Aparelho de CD e Rádio (sendo 03). Todas as atividades físicas são realizadas no Ginásio da escola que possui um estado regular de conservação. Este espaço é utilizado pelos alunos durante a semana para a prática de esportes como o vôlei, futebol e as aulas de Educação Física, disciplina que está incluída no componente curricular da escola.

Figura 3



Banheiro feminino. Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Há dois banheiros para os alunos, um feminino e outro masculino que se depara em um lugar com fácil acesso a todos. Também se encontra em um bom estado de conservação, onde a limpeza é feita com frequência pelas auxiliares de serviços gerais da escola. Existe um bebedouro que se localiza em lugar de fácil acesso, porém não se encontra em um bom estado de preservação. Apresenta um vazamento que desperdiça muita água.

Figura 4



Bebedouro. Fonte: Arquivo da autora, 2017

A escola dispõe de uma biblioteca pequena que se encontra

Figura 5

desorganizada com pouca quantidade de livros misturados com jogos educativos em meio a estantes da biblioteca. Ainda observei a falta de bibliotecário ou de alguém que auxilia-se esse espaço, algo que ajudaria a melhorar a organização além de trabalhar em parceria com os docentes para cativar e aproximar os alunos que pouco utilizam a biblioteca. Este Centro



Biblioteca. Fonte: Arquivo da autora, 2017

Educacional também não apresenta atualmente um laboratório de informática, pois a sala foi desativada devido às más condições dos computadores.

A mesma ainda não possui auditório. A merenda é guardada na cozinha onde é preparada. As merendeiras possuem um cardápio variado para a semana, onde se encontra

desorganizada com pouca quantidade de livros misturados com jogos educativos em meio a estantes da biblioteca. Ainda observei a falta de bibliotecário ou de alguém que auxilia-se esse espaço, algo que ajudaria a melhorar a organização além de trabalhar em parceria com os docentes para cativar e aproximar os alunos que pouco utilizam a biblioteca. Este Centro

Figura 6



Figura 7

Cantina. Fonte: Arquivo da autora, 2017

Pátio. Fonte: Arquivo da autora, 2017

nesta lista lanches como cuscuz, sopa, entre outros alimentos que corresponde a uma boa dieta para os discentes. Ainda também não há refeitório na escola, na maioria das vezes os alunos fazem as refeições no pátio ou então dentro das salas de aulas.



Percebe-se que esta escola é bastante exigente em relação ao comportamento dos alunos e com a manutenção da mesma, pois eram evidentes os cuidados tomados cotidianamente pelos funcionários exigentes e pela diretora de pulso, que se empenhavam para manter a ordem e segurança desta Instituição municipal de Ensino. Esta comunidade escolar repensa constantemente o seu papel pedagógico. Onde busca enfrentar os seus desafios, de acordo com seu currículo para que a escola cumpra sua função social.

### **2.1 Caracterização da turma**

A turma do 6º ano, de 40 alunos, aparentava inicialmente certo receio em relação a minha presença e a da minha companheira de Regência<sup>1</sup>. A maioria dos alunos são crianças e adolescentes em estado de vulnerabilidade social, alguns sem vínculo familiar, filhos de pais presidiários e até problemas relacionados com drogas. Estes alunos se mostraram em sua grande parte bastante respeitosos e atentos diante do professor regente, o docente Amâncio Rodrigues, que esteve sempre observando as nossas aulas durante, além de sempre ajudar e nos auxiliar mediante as dúvidas que surgiram antes e durante o processo de estágio.

O primeiro contato com a turma a princípio foi de preocupação e apreensão, já que no processo da observação do ESO I, os próprios docentes da instituição nos alertaram sobre o comportamento de alguns alunos, que agiam

---

<sup>1</sup> A prática do estágio do supervisionado ocorreu em dupla pelos alunos da UEPB.

com agressividade e indiferença na sala de aula. Porém, a opinião mudou totalmente quando tivemos o primeiro contato efetivo, toda e qualquer preocupação se findou ao perceber o carinho e vontade de aprender da grande parte destes, que era maior do que esses rótulos que firmaram a essas crianças. Encontramos apenas alguma resistência em três garotos que se sentavam no fundo da sala. Eles não interagiam com ninguém por mais que fossem instigados ou provocados, além de se distraírem com facilidade com conversas paralelas. A preocupação ainda nos rondava em meio a está prática docente, mas a reciprocidade com o que nos firmava na sala de aula fez com que o prazer vencesse o medo de tal maneira que ficamos a vontade na aula com os alunos.

No decorrer da regência os alunos que demonstravam resistência se mostram mais participativos e atentos no que estava sendo apresentando a todos, indagando e até questionando o conteúdo. Muitas dessas crianças que encontravam-se no início da adolescência se revelaram ser esforçadas e aplicadas diante ao que nos foi apresentado dos mesmos. Este 6º ano era formado por meninos e meninas de uma faixa etária que variava aproximadamente entre 11 a 13 anos de idade, onde podíamos observar que a quantidade de meninas era um pouco maior que a dos meninos.

Contudo, é importante frisar que a turma em sua boa parte demonstrou atenção, vontade de aprender, responderam as atividades, os questionamentos e a participação cada aluno contribuiu para a realização do estágio, desde o mais falante até o mais tímido ou relutante da turma, com a devida presença ou simplesmente o olhar na demonstração de carinho e agradecimento. É importante destacar que o retorno simples destes alunos é o que enriquece a formação, e o que dá o prazer de lecionar.

## **2.2 O perfil do professor em sala de aula**

Busquei observar as interações entre professor, alunos e suas relações de ensino aprendizagem para tentar entender como ocorria o processo de ensino e aprendizagem. Perceber quais eram as estratégias utilizadas pelo professor, à

utilização do livro didático, os recursos por ele utilizado, a maneira como avaliava os alunos e a participação nas aulas.

Na primeira aula observada o professor fez inicialmente a chamada e neste momento a maior parte dos estudantes estavam tirando fotos na sala, ouvindo músicas pelo celular e outros se ausentavam da classe. Apesar de ter um bom relacionamento com a turma, havia momentos em que a classe se exaltava sendo necessário o professor agir de forma rígida. Depois utilizou cerca de quinze minutos de sua aula copiando um esquema do conteúdo do livro no quadro, onde os alunos copiaram sem nenhuma reação.

Na primeira aula o assunto foi Mesopotâmia e o docente usou além da lousa, um mapa geográfico para situar o alunado a este meio, ensinado em que parte do mundo encontrava-se, cabendo aos alunos prestar atenção, seguir o raciocínio do professor e copiar no caderno. Após a apresentação do mapa, um aluno perguntou sobre outros países que atualmente se encontram nessa área e o professor explicou citando cada nome com uma linguagem clara para a turma.

São raras as manifestações dos alunos com relação ao conteúdo exposto, mesmo possuindo certa liberdade para interromper a aula e fazer questionamentos. Nesse critério o professor também é tradicional porque o momento de questionar tinha hora, e nesse caso, era após a explicação do conteúdo. Em seguida o mesmo utilizou o livro, convidando os alunos a lerem o conteúdo, para depois responderem os exercícios propostos no mesmo. A turma simplesmente limitava a copiar trechos do livro respondendo ao exercício. Na observação podemos notar que os alunos não tinham um diálogo ou argumentações sobre o assunto específico. Verificamos então, que se encontrava mais presente o processo de “fazer o exercício”.

Nesse contexto, as aulas de história eram vistas pelos alunos como aulas desinteressantes, sendo necessário para eles memorizar os conteúdos, pois a avaliação acontecia através do estudo dos exercícios propostos no livro didático em que o trabalho do alunado era basicamente decorar os conteúdos.

No fim da aula o docente corrigiu os exercícios limitando a comentar sobre aqueles que se destacaram na atividade respondendo de maneira crítica e objetiva o questionário. Para os demais, o professor apenas pediu para

concentrarem-se e se esforcem mais nos estudos porque uma boa parte necessitava melhorar suas notas.

### **2.3 Minhas experiências**

O estágio sendo uma ação obrigatória do discente nos cursos superiores necessita ser refletido desde sua iniciação, ou seja, o momento no qual ainda nos encontramos na teoria, pois a base fundamental para uma boa prática está em um bom embasamento teórico, pois a partir do momento que nos encontramos nos debates de textos já estamos nos construindo enquanto futuros profissionais.

Os encontros entre nós alunos de um curso de licenciatura e o professor titular da escola na qual estagiaremos é fundamental, pois isto significa nos dá uma idéia sobre a turma que irá ser regida, além de possibilitar uma reflexão sobre a realidade escolar. O professor da escola auxilia nos materiais e possíveis metodologias que podem ser utilizadas em sala, chamando uma maior atenção para o que é importante na sala de aula. Esta troca de informação é fundamental e acredito que os centros universitários deveriam persistir com maior fervor para a vinda de professores da rede básica até a universidade, pois assim existiria uma real troca de informação e conhecimento entre o ensino superior e o ensino básico.

É importante destacar que os professores da rede básica oferecem metodologias de ensino que podem até acalmar os alunos e ajudar para uma aula mais tranqüila, mas isto se dá por meio do amedrontamento e da punição, muitos dos alunos são movidos pelos gritos e pela constante falta de educação, pois alguns dos funcionários da escola se colocam como superiores a todos que formam o corpo discente, sendo visível o autoritarismo e o vocabulário impróprio a um ambiente onde deve ser construída educação. Sendo assim, acredito que a troca de conhecimento que citei anteriormente poderia também ajudar o professor da rede básica a procurar alternativas de ensino que não fosse baseada em uma educação punitiva e autoritária.

A regência pode ser entendida como um processo do qual tem sua formação na parte teórica, que é formulada ainda nas salas da universidade, mas

que vai realmente ser testado no momento em que os alunos estagiários põem em ação tudo aquilo que acreditam ter aprendido, já que, posso assim dizer que a ação docente vai ser um constante aprendizado por ambas as partes que formam uma sala de aula, pois ao ser entendido que a educação é um processo de construção, que precisa do empenho de todos numa troca de saberes que irá alicerçar o desempenho de todas as ações. É importante que o professor será um eterno estudante e que a sala de aula é um local de aprendizagem perene.

Portanto, compreendo que a ESO tem como finalidade trazer para o estudante o momento de confrontação entre a teoria e a prática, ou seja, proporcionar aos alunos uma reflexão e a aprendizagem sobre o que é ser professor, além de buscar estabelecer e aprimorar metodologias.

As aulas tiveram início no dia 24/04/2012, com duração de 40 minutos. Para essas aulas nós recebemos como orientação do professor regente da turma, um livro didático e a orientação do tema a ser seguido, pois estaríamos dando continuidade aos assuntos que ele já estava desenvolvendo com a turma, o livro é *História* da coleção "Para viver juntos" escrito por Débora Yumi Motooka<sup>2</sup>, o tema a ser seguido era *A Civilização Egípcia*.

O livro detendo uma escrita clara e fácil a absorção por parte dos alunos ocorria de forma tranquila, porém ao se falar em competências que o livro didático pudesse explorar do alunado ele deixava a desejar, já que, não traz perguntas que exijam raciocínio lógico, mas sim questões decorativas e praticamente todas com a mesma resposta. As aulas aplicadas foram todas em torno da temática "Civilização Egípcia", sendo bem divididas em subtemas que ocupavam bem o espaço proposto para cada aula atraindo a atenção e promovendo a interação em torno das aulas.

Os encontros entre estagiários e alunado aconteceram durante um mês e uma semana totalizando seis encontros, os quais eram baseados sempre em aulas expositivas com promoção de diálogos e produção de questões que traziam para o alunado a oportunidade de exporem seus conhecimentos de

---

<sup>2</sup> Formada pela USP é coordenadora e professora de História no Centro Educacional Objetivo Litoral, além de autora de livros didáticos de história.

forma escrita. Essa temporada mesmo sendo curta, pode ser proveitosa e é uma base fundamental para a construção de um conhecimento sobre o que vem a ser uma carreira como docente, pois os pormenores formuladores e decorrentes em uma sala de aula são imprevisíveis e como estamos a todo o momento nos relacionando com pessoas que possuem características e personalidades diferentes temos que estar conscientes de que a educação é algo recíproco, pois é tarefa igualmente do educando e educador a participar da produção da compreensão do conhecimento.

A profissão de professor deve ser entendida como algo indescritível, quando é dela a função de ser o “herói” da sala de aula, já que é necessário ser maleável e inteligente o bastante para se adaptar as situações sabendo sempre extrair o melhor que a ocasião puder oferecer, ou seja, o professor precisa estar preparado para as infinitas possibilidades.

As aulas com as temáticas já citadas acima, eram sempre desenvolvidas a partir da escrita na lousa, da oralidade por parte dos estagiários e principalmente pelo diálogo estabelecido com a turma do 6º ano, que se mostrava em sua maioria, interessada pelas temáticas e bem animada com a presença de novos “professores” na turma.

Abordarmos de início a formação do rio Nilo e alguns de seus aspectos e recebemos para nossa surpresa, boas perguntas o que promoveu na sala de aula uma boa interação e diálogo a respeito do tema, porém também vimos que os alunos acreditavam que todas as aulas tinham que escrever, ao escreverem eles estariam fomentando uma nota, através dos vistos, sistema em que os professores como reconhecimento do esforço do aluno ao escrever, lhe atribui um visto (assinatura no caderno), que lhe ajudaria na obtenção de uma boa nota. O decorrer das aulas sempre foi bom, os conteúdos pareciam claros ao entendimento dos aprendizes, sendo que o barulho muitas vezes fazia-se personagem na aula, sendo necessária a entonação maior do tom da voz para conter o alvoroço provocado pelos alunos. As atividades que de início escrevíamos na lousa agora passamos a levar impresso junto com um resumo sobre a temática abordada na aula que iria ser aplicada.

As condições de aprendizado eram boas, o alunado na sua maioria era aplicado e esforçado onde facilitou bastante no decorrer da regência. Para a

elaboração das aulas sempre procuramos pesquisar em outras fontes como: livros, revistas e internet que pudessem nos trazer um conhecimento maior e diversificar nossa atuação como docentes, utilizando assim o livro didático como mais um recurso metodológico, além disso, buscamos fazer uma ligação das temáticas abordadas com os textos discutidos na academia e como o cotidiano e a realidade na qual se encontram aquelas crianças, facilitando assim a assimilação dos conteúdos e das competências que buscávamos desenvolver com aquela turma, trazendo uma maior facilidade de desempenho no campo do estágio.

A preocupação em torno da aplicação dos assuntos para os alunos era para além da absorção desses assuntos, queríamos também que os aprendizes pudessem também relacionar os temas com as noções de sujeito, cultura, tempo, e o processo histórico que culminou na sociedade vigente. A temática “Civilização Egípcia” foi um assunto bom de abordar em sala devido à possibilidade de relacioná-la a sociedade atual e aos costumes herdados ou ao menos que influenciaram de algum modo nas nossas ações cotidianas, ao estabelecermos um contato de proximidade e respeito entre ambas as partes que compõem a sala de aula.

Percebemos que o aprendizado fluiu de uma maneira satisfatória além de trazer aos discentes uma postura de que eles são agentes sociais e importantes na sociedade, já que, alguns dos docentes e dos funcionários da escola tratavam os alunos como algo sem mera importância. Carentes de família, que por vezes demonstravam agressividade por tamanha repressão, de forma que os funcionários que se diziam membros da comunidade escolar adotavam também essa maneira de posicionar-se, mostrando toda a repressão e autoritarismo na qual baseiam seu método de ensino-aprendizado acreditando que educação se faz em torno de gritos e persuasão, deixando evidente a hierarquia em que professores e corpo administrativo estão acima de alunos podendo tratá-la da maneira que bem entendem.

Todavia esses comportamentos que muitos professores utilizam em relação a seus alunos, justificam que ocorre devido às cansativas jornadas de trabalho que enfrentam, mas acredito que tratar as pessoas com a educação e o respeito que cada um merece não deriva do cansaço e sim está implícito na

maneira como você ver o indivíduo. Pois, quando atribuímos a importância que os estudantes merecem e fazemos com que eles sejam personagens no processo de ensino-aprendizagem os conteúdos passam a ser aprendidos com mais facilidade e o convívio escolar torna-se algo bem mais prazeroso (BITTENCOUR, 2008, p. 09), ressaltando que tratar as pessoas com educação e respeito não quer dizer que será construída uma relação invasiva e desordenada, mas sim que os espaços serão delimitados com a uma visão centrada em uma pedagogia alicerçada no humano, ou seja, uma pedagogia humanista.

### **3.A FUNÇÃO DO PROFESSOR**

O professor é antes de tudo, indivíduo que sabe certa coisa e ensina alguém. Contudo, as competências atribuídas ao exercício da profissão refletem os ideais de sociedade e de ser humano predominante em cada período histórico, assim como as disputas e contradições presentes nos debates entorno dos objetivos da educação em cada época.

[...] das formas e conteúdos pelos quais o conhecimento sobre o passado é mobilizado e manipulado publicamente para produzir tais ou quais efeitos públicos e privados, coletivos ou individuais, envolve por completo o estudo do ensino da história e seu aperfeiçoamento, pois desde suas origens europeias no século XIX, nossa disciplina científica e escolar participa intensamente desses jogos de saber. (CERRI, 2011. Pg.16)

Ser um profissional da história é fazer parte de um jogo de saber- poder. Onde diversos agentes sociais mobilizam e manipulam o conhecimento sobre o passado para produzir efeitos, estes coletivos ou individuais. Refletimos neste trabalho sobre partes de nossas identidades pessoais, políticas e profissionais e participamos da construção das identidades dos outros.

O professor de história possui uma ligação com o tempo de duas formas, a primeira é a matéria prima de seu trabalho, o tempo: onde ele precisa entender as ações humanas no tempo e buscar formas eficientes de transmitir o pensamento histórico para seus alunos. A segunda é quando o profissional da história precisa interpretar a passagem do tempo com o intuito de atribuir sentidos e significado para as mudanças que enfrenta na sua vida cotidiana.

Ninguém vive sem interpretar o outro, o agora e o depois, de se mesmo e de outros.

De acordo com Cerri (2011) o saber histórico não existe apenas na sua forma científica, mas apresenta muitas manifestações nas mais diferentes áreas da vida humana. Porém, há um elemento que realiza a ligação entre todos esses fatores: trata-se da consciência histórica.

De forma mais objetiva, pode-se dizer que todo homem com o esforço de alcançar o equilíbrio entre o tempo natural e suas expectativas, desejos e sofrimento, realiza interpretações do tempo por meio de elementos da memória individual e coletiva.

[...] a consciência histórica não é meta, mas uma das condições da existência do pensamento: não está restrita a um período da história, a regiões do planeta, a classes sociais ou a indivíduos mais ou menos preparados para a reflexão histórica ou social geral. Para isso, "história" não é entendida como disciplina ou área especializada do conhecimento, mas como toda produção de conhecimento que envolva indivíduos e coletividades em função do tempo. Nesse sentido a consciência histórica pode ser entendida como uma característica constante dos grupos humanos, por maiores que sejam as suas diferenças culturais (CERRI, 2011.p27, 28).

Segundo os estudiosos Agnes Heller (1993) e Jorn Rusen(2001) a consciência histórica é uma característica essencial de quem estar no mundo, composta de diferentes fases, que apontam o acréscimo da consciência em diferentes cenários do trajeto da humanidade. A ação desta não se faz como opção, mas como necessidade que atribui sentido ao tempo.

O homem age com intencionalidade, aquele que se comporta assim, tem que interpretar o que se passa ao seu redor e a se mesmo de acordo com seus propósitos e desejos. Esse agir, enfim, é um procedimento em que constantemente o passado é interpretado á luz do presente e na expectativa do futuro, seja ele distante ou imediato. Conforme Rüsen (2011. pg. 29).

"A consciência histórica, entretanto não se resume ao passado e á memória, mas ás projeções que fazemos para o nosso futuro (CERRI, 2011. p15)." Ao tentar traçar o futuro, imediato, de médio prazo ou distante tomo decisões onde me permitem agir pensando em possibilidades que podem se realizar no meu amanhã. E nessa pratica a minha identidade que é constituída grande parte pela minha história e pela identidade coletiva que se baseia em sua maior parte pela história nacional, são fundamentais.

As mudanças vividas no tempo provocam carências de orientação e para resolvê-las, as pessoas associam experiências do passado com seus projetos de futuro, a partir das vivências presentes. É essa estrutura de pensamento, esse tipo de relação com os três tempos, que passa pelas demais manifestações de saber histórico.

Pode se entender que a consciência histórica funciona como orientadora temporal, ou seja, a consciência histórica é um modo de orientação nas situações reais da vida presente, ajudando-nos a compreender a realidade passada para entender o presente. Assim, ser professor de história é contribuir para a construção dessa idade futura- presente, nas diferentes formas.

Deve ficar claro que esse profissional não é tradutor de conhecimento ou simplificador de conteúdos e sim um intelectual apto a distinguir os quadros da consciência histórica oculta aos sujeitos do processo educativo e de auxiliar na compreensão crítica do tempo e da identidade.

Sendo assim, cabe ao professor de história traçar novas maneiras de se estudar a disciplina de história e a ensinar, de modo que possa instruir os alunos a edificar seu próprio ponto de vista. Isso não significa ensinar as soluções, nem significa dar esclarecimentos sobre como e por que chegou a uma conclusão. Ensinar a construir seus próprios pontos de vista, significa colaborar para que os alunos possam construir conceitos e aplique-os nas situações do cotidiano.

O docente tem a tarefa de mediar o processo ensino-aprendizagem e não deve impor atividades com questões que buscam uma resposta singular, isto nega aos alunos a oportunidade de construção do conhecimento. Essa construção faz com que os alunos sintam-se sujeitos de sua própria história e não meros repetidores e expectadores.

É preciso que o profissional em história se responsabilize em buscar aperfeiçoar as competências dos alunos para que esses possam seguir os passos acelerados e os requisitos que são exigidos pela sociedade. É necessário compreender que na história e na existência encontra-se referenciais para cada um encontrar a si próprio, construindo características de uma identidade pessoal.

Os educadores devem participar da construção e do desenvolvimento de uma ação educativa consciente, que promova no aluno suas potencialidades e

capacidades de criar soluções e respostas adequadas, ou seja, uma consciência cidadã. Exercer este papel só é possível, se o professor for um profissional reflexivo, agente de sua própria formação, e estimulador da formação do educando, mediando a construção do conhecimento com atividades lúdicas desafiadoras, criativas e significativas, possibilitando aos alunos, tornarem-se sujeitos participantes, autônomos e críticos em relação ao contexto em que estão inseridos.

Essa atitude reflexiva permanente proporciona uma análise mais profunda do ofício de profissional da educação, onde constituir uma relação crítica com o saber é fundamental para a construção da individualidade de formador competente.

### **3.1 Como deve ser a formação do professor de história**

No Brasil, a educação básica é constituída atualmente por níveis, estes classificados em: educação infantil, nível fundamental e ensino médio. Graças a algumas leis que anteciparam a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). Em 1971, durante o regime militar, foi publicada a Lei 5.692/71 responsável por reorganizar o ensino do país, criando para estes três graus de ensino: o primeiro grau corresponderia aos cursos do primário e o ginásio, o segundo grau é o colegial e o terceiro grau correspondia ao ensino superior. Esta mesma lei determinou a troca das disciplinas de História e Geografia pela área de Estudos Sociais para as series do primeiro grau.(SCOCUGLIA e PINHEIRO, 2003.p.43)

Esta lei que pretendia beneficiar os interesses do governo militar providenciando uma mudança que favorecessem suas conveniências, incluir a educação moral e cívica como matéria obrigatória. Porém o quadro político impulsionava as Universidades para uma situação de enfrentamento com o atual regime.

A reação porém, não se fez esperar. O enfrentamento e a resistência dos professores e de muitas instituições educacionais e científicas conseguiram impedir que os des(mandos) da ditadura lograssem todos os efeitos pretendidos(SCOCUGLIA e PINHEIRO, 2003.p.45).

Houve uma grande recusa das Universidades mais antigas em efetivar a Licenciatura de Estudos Sociais. A partir dessa resistência iniciou longos

debates para apontar as distorções das propostas. Muitas críticas levantadas se referiam à formação do professor, que se configuraria por uma formação precária e curta. Além das críticas sobre a inadequação nas alterações propostas aos níveis de ensino.

Na LDB de nº 9.394/1996 os cursos de Licenciatura curta foram restritos. Essas mudanças acarretaram uma nova roupagem para o ensino médio. Implementando então, mudanças consideráveis no quadro educacional do país.

A construção do saber do professor de história inicia-se principalmente na graduação, requisito básico exigido pela LDB para atuar no ensino médio. Essa graduação implica em entender a aprendizagem como um processo contínuo que precisa de um estudo cuidadoso.

No documento oficial das Diretrizes Curriculares para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica em Currículos de Nível Superior consta que:

[...] a aprendizagem por competência supera a dicotomia teoria-prática, definindo-se pela capacidade de mobilizar conhecimentos adquiridos na reflexão sobre as questões pedagógicas e aqueles construídos na vida profissional e pessoal, para responder às diferentes demandas das situações de trabalho. O desenvolvimento de competências pede uma outra organização do percursos de aprendizagem, no qual o exercício das práticas profissionais de reflexão sistemática sobre elas ocupa um lugar central(SCOCUGLIA e PINHEIRO, 2001,p13).

Sugere-se uma maneira de articulação entre teoria e a prática na qual os saberes específicos devem ser contextualizados, na condição de construir significados, mostrando, portanto relevância a situações reais.

A formação do docente é considerada a condição essencial para que as novas propostas educacionais possam se concretizar. Espera-se que a formação dos professores seja acompanhada por professores Universitários que detenham as condições e responsabilidades adequadas para o desempenho desta função, apoiados por instituições que tenham clareza sobre seus compromissos científicos e sociais, isto é fundamental para a formação de profissionais que se doarão a docência.

Isso significa que um bom profissional de história deve ter uma boa formação, apoiado por professores formadores, preocupados em oferecer condições adequadas para esta função. Ensinar história é fundamental para compreender os fatos históricos e para a junção da história com a realidade presente, sendo o presente fruto da dinâmica dos acontecimentos históricos do

passado. Portanto, ensinar história é agir em função de objetivos mediados pelos desafios cotidianos.

É necessário que os professores provoquem seus alunos a refletirem sobre como o presente mantém relações com outros tempos. Assim, a aula de história possibilita a construção do saber histórico através da relação participativa entre educador e educando, onde essa prática faça parte do fazer histórico.

A educação de professores é de enorme importância para traçar novos caminhos pedagógicos. O estudo do professor no seu dia a dia como ser histórico, pode ajudar na mediação da realidade com sua prática e a sua formação. Quão grandemente e enriquecedora for à história, vida e profissional, aumentam as chances de uma atuação educacional considerável.

Ao educar, auxiliamos o aluno a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade. É oferecer várias ferramentas para que possa escolher, entre muitos caminhos. Não se limita em repassar informações, mas mostrar os diversos caminhos.

Um professor reflexivo progride em sua carreira mesmo quando não passa por dificuldades e crises, pois a reflexão se torna uma maneira de se identificar profissionalmente. Esse profissional não pode se limitar. O professor não pode se ater ao que aprendeu na graduação, nem ao que solucionou em seus primeiros anos de prática. Este deve reavaliar seus objetivos e seus procedimentos, seus saberes. Dedicar-se a aprendizagem incluindo uns contínuos movimentos de reflexão. Porém, não deve ser totalmente solitária a prática reflexiva do professor. Esta deve fundamentar-se em conversas informais, em momentos organizados pelos próprios profissionais, onde possam analisar seu cotidiano de trabalho, compartilhar problemas de sua prática escolar, pensar sobre as formas de avaliar pensando sobre o desenvolvimento de competências.

No entanto, para que se possa ensinar aos alunos é preciso rever o próprio modo de aprender e de construir a experiência. É também desenvolver atividades que envolvam questionamentos, análises, pesquisas, interpretações de conteúdos históricos, desenvolvendo assim o ensino de história.

Mas, não se pode parar de levar em consideração, a aprendizagem de metodologias aptas para a construção do conhecimento histórico no âmbito escolar. Existem pesquisas que tem o intuito de perceber na prática os acertos ou desajustes, contradições e até mesmo a ausência de metodologias utilizada pelo professor de história.

É necessário superar os problemas didáticos e metodológicos, pois são importantíssimos no processo de aprendizagem. Mas essa superação só acontecerá através de uma busca perseverante pela atualização e formação continuada do professor junto a uma reflexão de sua própria prática pedagógica.

A época importante na formação do professor acontece principalmente durante o estágio supervisionado, fase em que o graduando entra em contato com o ambiente escolar-educacional, que demanda competências necessárias para o saber pedagógico. O estágio supervisionado constitui a prática de ensino, significa o momento em que há junção entre formação teórica e início da vivência profissional, supervisionada pela instituição formadora.

Para Pimenta "[...] prática é o treinamento em situações experimentais de determinadas habilidades consideradas, a priori, como necessárias ao bom desempenho docente (2009, p.88)". A didática é elemento fundamental nesse processo de transformação daquilo que se ensina e do significado histórico/social do que se ensina. A história possui significados que precisam ser compreendidos pelos educandos para que haja transformação. O aluno da graduação precisa adquirir experiências em situações legítimas da sala de aula, para experimentar na prática seus primeiros ensaios.

A Formação de Professores é uma oportunidade que o professor volta a refletir sobre seus conceitos e teorias usando a sua própria experiência seguida de sua prática pedagógica. Na prática os alunos aprendem observando os professores mais experientes. Os formadores na prática assumem modelos e a formação faz com que prevaleçam os mecanismos de acomodação mais do que de assimilação. A prática é considerada como a mais importante e o mais potente componente dos programas de formação de professores.

Na atualidade, o estágio é entendido como fundamental na formação profissional e como um dos espaços vantajoso para a formação do docente e na constituição dos saberes docentes necessários à sua profissão. O estágio

promove a reflexão e a pesquisa constantes para estimular o pensar e o fazer, bem como a análise e a crítica, tendo a leitura na própria prática como ponto de partida e de chegada.

### 3.2 A identidade

A imagem do professor passa por mudanças significativas ao passar do tempo e isso faz com que este redefina seu papel e sua função de acordo com as transformações que alteram as relações de seu trabalho. Com o desgaste da sua imagem social o professor enfrenta a profissão com uma atitude de decepção e de renúncia. A imagem social não é determinante na conquista da identidade profissional do professor. Porém, é um dos aspectos que favorecem a elaboração coletiva da identidade profissional deste. O processo de construção da identidade é assunto na pauta de discussões de alguns estudiosos como Giddens e Bendle a respeito da definição e o próprio processo de formação da identidade.

Segundo os estudiosos das identidades tal formação é um processo interno ao indivíduo, mas que acontece de acordo com sua cultura e categoria social, e tem início na infância, já que as crianças compreendem os traços e as peculiaridades das pessoas. Por isso, é possível definir identidade como um conjunto de características pelas quais alguém pode ser reconhecido.

A identidade pessoal é distinta ao sujeito através de relações sociais, da consciência e dos sistemas sociais em que o sujeito está inserido. Por tanto, a identidade pessoal não é inerte, há a chances de mudança de acordo com as fases da vida.

A identidade profissional não é separável, por tanto, nem das identidades individuais como um todo, nem das identidades coletivas que as sustentam e informam. Em cada exercício coletivo estão presentes as identidades individuais, assim como em cada exercício individual estão presentes as identidades coletivas e as restantes dimensões da identidade individual. (Lopes,2007,p.4 apud Maria Inês Silva Teixeira Cardoso, Paula Maria Fazendeiro Batista e Amâncio Braga Santos Graça, 2016, p.378,379)

A identidade é um processo de construção histórica adequada ao longo das diferentes fases da vida e de acordo com o âmbito no qual a pessoa atua

uma construção que exige constantes negociações entre tempos diversos do sujeito e ambientes ou sistemas nos quais ele está inserido.

Entende-se que a aquisição da identidade pessoal antecede à profissional, passando pela social e se afirmando a partir de identificações infantis que são retomadas na adolescência. Entretanto, não se deve confundir a identidade profissional do professor com a identidade social.

A identidade profissional do docente se constrói a partir do sentido social da profissão, também pelo significado que cada profissional, enquanto ator e autor conferem a atividade docente de situar-se no mundo, de sua história de vida, seus saberes, suas decepções e anseios.

A construção da identidade profissional docente passa por dificuldades em sua constituição, seja em relação às dificuldades impostas pelo novo contexto educacional e social da contemporaneidade, seja pelo legado histórico da profissão. Desse modo é de grande importância haver as autonarrativas para a construção do docente em nível individual e coletivo, na medida em que fornecem recursos que são movimentados pelos professores nas interações com os outros e com os mesmos.

[...] autonarrativas são histórias de vida socialmente formadas e informadas (Gee, 2001), dependendo, por isso, dos contextos nos quais o indivíduo nasce, vive e se desenvolve, pessoal e profissionalmente. (Maria Inês, Paula Maria, Amândio Braga, 2016, p. 380).

Diante do exposto até aqui, pressupõe-se que a construção e afirmação da identidade do professor enquanto profissional é processual, subjetiva, correspondente às trajetórias individuais e sociais, com a possibilidade de construção / desconstrução / reconstrução, atribuindo sentido ao trabalho e centrado na imagem social que se tem da profissão e legitimada a partir da relação de pertencimento a uma determinada profissão.

Partindo do pressuposto que toda profissão afirma uma identidade, identidade profissional do professor é uma maneira de ser professor. Nesse sentido, ao expor crise da identidade profissional do professor, é expor uma crise na maneira e no jeito de ser professor.

Esse caminho aparenta ser excessivamente tortuoso, se não for considerada que a ação profissional do docente está condicionada por uma série

de outros fatores e inserida num processo muito mais amplo que o seu espaço / tempo de atuação. Vale evidenciar a não pretensão de ignorar os problemas advindos das dificuldades na interação social com os grupos onde trabalha a insatisfação com as condições de trabalho, a desvalorização, sentimentos de vulnerabilidade em relação à sua integridade física afetam o seu trabalho. Contudo, tais atitudes não podem ser os únicos fatores na análise de uma suposta crise de identidade profissional do professor. Preceitos, valores éticos e morais, representações construídas / reconstruídas sobre ser professor são outros sinais.

Assim posto, é preciso considerar que a formação de um professor, e conseqüentemente a construção de sua identidade profissional, resulta de um processo de concepção de múltiplas identidades que retrata direta e significativamente no fazer docente. Ao mesmo tempo, não se pode perder de vista outras conseqüências desse processo, como por exemplo, as políticas públicas e a forma como o Estado lidam com seus professores.

As reformas políticas educacionais implantadas pelo Estado elaboradas sem nenhuma participação dos professores cabendo a eles apenas executar, sem direito a refletir e discutir sobre relações que trarão conseqüências diretas para o seu trabalho causando mudanças no cotidiano docente. O fazer do professor, sua autonomia e a identidade docente, que também está intimamente atrelada à instituição escolar, vêm sofrendo com essas decisões políticas da educação.

A crise de identidade apresenta uma relação muito estreita com limites muito tênues entre os aspectos que as caracterizam. Assim como o professor se demonstra confuso em muitos aspectos, em muitos momentos surgiu um profissional com a identidade abalada, mal definida, em conflito com uma auto-imanem pouco expressiva e desvalorizada.

Nesse contexto, a profissão docente necessita de um processo de profissionalização a partir dele, deixar aflorar uma profissão bem resolvida, e conseqüentemente, uma identidade mais clara e definida que repercutirá significativamente no dever das práticas docentes e das atividades diárias existentes no contexto escolar e educativo.

Segundo BATISTA, PEREIRA e GRAÇA (2012) nas últimas décadas, em decorrência das transições sociais, econômicas e culturais, o mundo todo tem focado mais sua atenção na educação, principalmente na que se fortalece nos sistemas escolares, subordinando- a uma análise pública constante, e educar tem se tornado uma tarefa cada vez mais exigente e de enorme responsabilidade. E isso exige equilíbrio e harmonia entre orientação formativa, procedimentos pedagógicos adaptados e expectativas dos implicados no processo, o professor e o aluno.

Realizar esse dever com compromisso e propriedade exige, do professor, reunir um conjunto de saberes e competências que lhe permitam a construção de um ensino de qualidade. Os saberes do professor são construídos ao longo de toda uma carreira e vida, causa que justifica que não sejam contemporâneos uns dos outros, pois vão sendo adquiridos ao longo do tempo. Estes saberes temporais, em cuja construção interfere nas dimensões identitárias, de socialização profissional, fases e mudanças, que se constituem num conjunto de conhecimentos, competências, habilidades e atitudes.

Diante disso, não se consegue falar em conhecimento sem falar no professor. O contexto social na contemporaneidade dita para prática educativa um quantidade de demandas muito grande, levando assim o educador do século XXI a repensar a sua atuação em sala de aula e os grandes desafios profissionais tem que passar a fim de atender as condições do contexto atual.

Ao docente têm sido empregadas demandas de naturezas bastante diferentes. Em se tratando do ponto de vista social ele tem tido que aprender a viver mais intensamente com a preferência e pensamento dos alunos e pais no cotidiano escolar e a ter uma maior interação com a comunidade onde a escola está inserida. No campo institucional, ele tem sido solicitado a participar mais ativamente nas definições dos sentidos pedagógicos e políticos da escola, a estabelecer recortes adequados no universo do saber a serem trabalhados em suas aulas, a elaborar e gerir projetos de trabalho. Conforme o aspecto pessoal tem sido chamado a tomar decisões de modo mais intenso sobre seu próprio caminho formador e profissional, a romper paulatinamente com a cultura de isolamento profissional, a partir da ampliação da convivência com colegas em

horários de discussões coletivas e nos trabalhos em projetos, a debater e reivindicar condições que permitam viabilizar a essência do próprio trabalho.

#### 4. OS AVANÇOS DO ENSINO NO BRASIL

A realidade escolar apresenta circunstâncias que representam vários perspectivas de homem e de sociedade, e assim, distintas hipóteses sobre o papel da escola, aprendizagem, relações professor-aluno etc. A maior parte dos profissionais da educação alicerça sua prática docente em normas pedagógicas que viraram senso comum. É preciso destacar que por mais que o professor ao logo de sua formação tem proximidades com estudos de prática e correntes teóricas de ensino isso não garante que essas correntes coincidem com as situações reais.

Um fato bastante contraditório é os docentes terem para si o movimento e as bases da escola nova, contudo, o professor se vê preso pela pedagogia I que prega a racionalidade e a produtividade do seu trabalho. Libâneo<sup>3</sup> classificou usando alguns critérios e linhas pedagógicas diante das correntes *liberais* e *progressistas*.

**PEDAGOGIA LIBERAL** - A Pedagogia Liberal aparece como justificativa para a preservação da ordem capitalista. Esta pedagogia defende a domínio da liberdade e dos interesses restritos na sociedade, bem como, estabelece uma composição social firmada na propriedade privada. A pedagogia liberal se define por acentuar o ensino humanístico, onde o aluno é educado para chegar, pelo próprio esforço em sua realização como pessoa. A tendência liberal renovada reforça o sentido da cultura como evolução das aptidões individuais. Porém, sugere um ensino que valorize a auto-educação. Esta tendência mostra de duas formas: a renovada progressivista (escolanovista) ou pragmatista, principalmente expandido pelos percussores da educação nova; a renovada

---

<sup>3</sup> Graduou-se em filosofia na PUC, é "mestre" da educação escolar brasileira e "doutor" em educação. Possui pós-doutorado pela Universidade de Valladolid, Espanha.

não-diretiva, norteadas para as metas de auto-realização e para as relações entre pessoas, na formulação do psicólogo Carl Rogers.

A tendência liberal tecnicista tendo como ofício a produção de “recursos humanos” (mão-de-obra). O mercado e a indústria criam as metas econômicas e a educação prepara os alunos os comportamentos de ajustamento a essas metas.

**Tendência liberal tradicional** - Por mais que a pedagogia tradicional abranja uma grande parte dos estudiosos da educação, os jesuítas se tornaram o símbolo dessa tendência. Essa tendência baseia-se na preparação intelectual e moral dos alunos para ter uma posição na sociedade. A responsabilidade da escola é com a cultura, fatores de ordem reservado à sociedade. O caminho dos alunos é o mesmo, desde que se esforcem. Já os menos capacitados devem se empenhar para alcançar o nível dos melhores, se por acaso não conseguirem, deve aceitar uma escolarização inferior.

Valores reunidos ao longo da história pelas gerações são a base do conteúdo programático. Graças a isto, a educação tradicional é vista como intelectualista. As técnicas de ensino são expositivas com destaque nos exercícios, na repetição de conceitos ou modelos de memorização, tendo como objetivo instruir a mente e formar hábitos.

As hipóteses de aprendizagem se baseiam na imagem de que o ensino repassa os conhecimentos para a criança, assim como, a capacidade de absorção da criança é idêntica à do adulto (sendo apenas menos desenvolvida). Os esquemas devem ser repassados em uma progressão lógica, definido pelo adulto, sem considerar as individualidades próprias de cada idade.

**Tendência renovada progressivista (escolanovista)** - A escola indispensavelmente deve ajustar as necessidades individuais ao meio social e, para isso, ela deve se preparar de forma a retratar, o máximo possível, a vida. Essa integração se dá por causa de experiências que devem agradar ao mesmo tempo, os gostos do aluno e as exigências sociais.

Neste ponto de vista, valoriza-se mais os processos mentais e habilidades cognitivas do que os conteúdos organizados racionalmente. Refere-se a “aprender a aprender”, ou seja, é mais significativo o processo de aquisição do saber do que o saber devidamente dito. O contrário da abordagem tradicional,

aqui não há uma área favorecida para o professor, antes seu dever é contribuir para o desenvolvimento natural da criança.

**Tendência liberal renovada não-diretiva** - Destaca-se nesta tendência o dever da escola na formação de atitudes, motivo pelo qual deve estar mais apreensiva com os problemas psicológicos do que como pedagógicos. Os que concordam com esta metodologia testemunham que o ensino é uma prática bastante reconhecida, para eles os processos didáticos, a habilidade na matéria, os livros, as aulas, tem muito pouca importância, em relação ao propósito de beneficiar a pessoa.

A pedagogia não-diretiva sugere uma educação concentrada no aluno, tendo em vista formar sua individualidade através do aprendizado das experiências relevantes que lhe permitam aprimorar características específicas à sua natureza. Sobre a avaliação, o teste perde seu sentido e é substituído pela auto-avaliação.

**Tendência liberal tecnicista** - Esse sistema é conduzido por leis naturais, cientificamente averiguadas. As descobertas educacionais devem ser limitadas aos técnicos "especialistas". A escola trabalha para o aprimoramento da ordem atual, no caso o sistema capitalista, vinculando-se com o sistema produtivo. Utiliza-se então a ciência comportamentalista. O propósito desta didática é a formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho, difundindo informações precisas.

Os conteúdos tratam de conceitos científicos, leis, e outros, firmados e organizados em uma sequência lógica e psicológica por especialistas. As relações entre professor e aluno são bem estruturadas e objetivas, com funções bem feitas: o professor conduz as condições de transmissão do conteúdo, de acordo com um sistema instrucional e "competente".

O ensino é um método de condicionamentos por meio do uso de auxílio das respostas que se quer obter. Tornando a educação uma experiência da psicologia, ou seja, gera-se um estudo técnico do comportamento, com o objetivo de descobrir as leis naturais que regem as reações físicas do indivíduo que aprende, com o propósito de aumentar o controle das variáveis que o afetam.

**PEDAGOGIA PROGRESSISTA** - A palavra progressista é utilizada para definir correntes educacionais que, partindo de um estudo crítico da sociedade,

protegem com finalidades sociopolíticas a educação. Libâneo (1992) defende que a pedagogia progressivista não tem como proteja-la numa sociedade capitalista; então ela é um instrumento de luta dos docentes ao lado de outras práticas sociais.

Algumas pedagogias surgem com críticas: a libertadora, mais conhecida como pedagogia de Paulo Freire; a libertária, que engloba os apoiadores da autogestão pedagógica; a crítico- social dos assuntos que, de modo que das outras, destaca a preferência dos conteúdos no confronto com as práticas sociais.

**Tendência progressista libertadora** - Nesta linha de estudo, a educação é um exercício onde professores e alunos, atingem um grau de espírito desta mesma realidade, a fim de nela trabalharem um sentido de transformação social. Então a pedagogia tradicional, quanto a renovada são dominadoras, pois em nada ajudam para indicar a opressão das classes populares. Já educação freireana, pelo contrário, aguça o lado crítico voltado para as dificuldades sociais válidas na sociedade.

A prática de ensino ocorre sempre por meio do diálogo, o mesmo em que os indivíduos do ato de conhecer se reúnem em benefício do objeto a ser conhecido. A figura de trabalho educativo é a equipe de discussão. O docente é um animador que, por inicial, deve “descer” ao nível dos alunos, adequando-se á cultura do mesmo. Pela dialética é eliminada toda forma e qualquer autoridade. Neste momento temos uma ação “não-diretiva”, não no sentido do docente que desaparece, mas como um guarda que assegurar ao grupo um espaço para se expressar sem se anular.

**Tendência progressista libertária** - Esta educação acredita que a escola atua na transformação da personalidade dos alunos. Tem então, um sentido expressamente político, à medida que se afirma o sujeito como produto do social e que o crescimento individual só acontece no coletivo.

Os assuntos são colocados ao dispor dos alunos, porém, não são solicitadas. O importante é o conhecimento que se tem como resultado das tentativas feitas pelo grupo. Esse “conhecimento” é a descoberta de soluções para as necessidades e obrigações da vida social.

A pedagogia

institucional pretende em primeiro lugar, transformar a relação professor-aluno. É responsabilidade do professor a função de “conselheiro” à disposição do grupo. O destaque é na aprendizagem natural e na negação de toda uma maneira de repressão desejando ajudar o desenvolvimento de pessoas mais livres.

**Tendência progressista “crítico-social dos conteúdos”** - A propagação de conteúdos é a função principal desta tendência. Considera-se que a escola pode ajudar a acabar com a seletividade social e converte- lá a democracia.

No entanto, o comportamento da escola consiste no preparo do aluno para o mundo adulto e suas distinções, fornecendo-lhes um instrumental, por meio de conquistas, para uma atuação organizada e dinâmica na democratização da sociedade.

A forma de compreender os conteúdos do saber não determina oposição entre cultura popular e a cultura erudita. O que se afirma é uma relação que gradualmente se passa da experiência instantânea e desorganizada ao saber sistematizado. As práticas de uma educação crítico-social não partem de um saber falso, nem do saber espontâneo, mas de uma ligação direta com o pensamento do aluno, confrontado com o saber que se encontra em outro meio.

As tendências pedagógicas são de grande importância para a Educação, principalmente as mais recentes, pois colaboram para a condução de um trabalho docente mais perspicaz. A compreensão dessas tendências e perspectivas de ensino por parte dos professores é fundamental para a realização de uma prática docente realmente significativa, que tenha algum sentido para o aluno, pois as tendências têm o objetivo de nortear o trabalho do educador, ajudando-o a responder a questões sobre as quais deve se estruturar todo o processo de ensino.

O conhecimento dessas correntes pedagógicas por parte dos professores é de extrema relevância, visto que possibilitam ao educador um aprofundamento maior sobre os pressupostos e variáveis do processo de ensino-aprendizagem, abrindo-lhe um leque de possibilidades de direcionamento do seu trabalho a partir de suas convicções pessoais, profissionais, políticas e sociais, contribuindo para a produção de uma prática docente estruturada, significativa, esclarecedora e, principalmente, interessante para os alunos.

#### 4.1 A realidade educacional da sala de aula

Após essa vivência no campo de estágio foi possível refletir sobre a divergência entre a teoria e a prática, pois situações totalmente diferentes do que foi estudado no curso são experienciadas. Um exemplo disso são os conteúdos estudados durante o curso de história que nem sempre são apresentados, ainda que considerando o nível escolar ao qual será aplicado, nesse caso o Fundamental II. Então é importante uma renovação de ambos, como uma maneira de melhorar a adaptação tanto do estudante em formação acadêmica quanto em sua futura profissão de professor atuante em sala de aula.

A observação feita nesse período de estágio pode constatar que a realidade em sala de aula era de uma educação tradicional, onde o professor utiliza como instrumento o livro didático onde apresenta uma metodologia que afeta de maneira negativa a capacidade interpretativa. Tal maneira afeta diretamente a aprendizagem dos alunos, pois estes se acostumam somente a copiar dos livros e a receber conteúdos prontos.

O educador precisa trabalhar novas metodologias de ensino e renovar suas práticas, deixando apenas de usar o livro didático e com assuntos que não tem ligação com a realidade dos alunos. Tal ação acaba por gerar desinteresse nas aulas, em que muitos alunos estudam apenas para uma "prova". A partir do entrelaçamento de saberes, a aprendizagem em todos os sentidos se torna mais prática e de grande importância funcional durante o processo ensino aprendizagem.

Portanto, Libâneo (1992) afirma ser oportuno adotar uma prática de ensino que tivesse mais relação com a realidade e o cotidiano do aluno. As experiências dos alunos devem ser aproveitadas e problematizadas em sala de aula, pois a escola tem um forte papel social para a formação do ser humano e de sua cidadania.

Assim, cabe a nós futuros docentes vencer e superar a prática de uma história como disciplina estática que foi e continua sendo trabalhada nas escolas. Para desfazer tal modelo, é preciso estimular a curiosidade e a criatividade do aluno para que ele possa se sentir envolvido o suficiente para trazer suas

contribuições para a sala de aula, suscitando um espaço onde exista trocas de conhecimento, diálogo e relação com as realidades diferentes. Essas possibilidades não podem ser eliminadas, pois a escola deve permitir situações para que o aluno desenvolva-se de forma mais autônoma, adquirindo criticidade para se posicionar na sociedade (CAIMI, 2008, p.91).

### **CONSIDERAÇÕES**

A sala de aula nomeada como espaço transmissor do saber, preserva assim, o seu lugar, sabendo-se das varias possíveis formas de transmissão do conhecimento fora dela. Assim, representa uma realidade que compreende muitas outras. Isso acaba dificultando o papel do docente em decifrá-la.

O período na sala de aula em alguns momentos são desanimadores, mas em outros prazerosos, graças a troca de aprendizagem, provocado pelo educador, que se tem caracterizado por uma profundidade, graças a vivência que ambas as partes tem, vivências muitas vezes expressadas em palavras, ações e gestos.

As boas experiências alcançadas a partir da prática como “professores” no período de regência, é devido ao empenho por parte dos estagiários, a orientação da parte do professor da disciplina de estágio e o auxílio do professor regente. Houve alguns pontos negativos como a falta de recursos didáticos como: som, notebook, data show e outros. O estágio pode ser compreendido como uma ferramenta que contribui para um novo olhar crítico e esclarecedor, onde experimentamos momentos inovadores, que apresentam a realidade da educação e do espaço escolar, possibilitando novas interpretações do ensino aprendizagem e da prática de sala de aula.

Portanto a regência foi essencial para observar que a docência deve propor situações e metodologias que perpassem a teoria e que contribuam para o avanço e compreensão dos alunos. Assim, ao examinar essa experiência, compreende-se que a abordagem do professor ajuda na expansão do conhecimento e da capacidade dos alunos, na socialização das idéias, troca de informações, autonomia de decisões, que são de grande importância para o desenvolvimento do estudante. Em fim, todo o afeto e carinho que me foi

passado pelos alunos me transmitiram uma sensação de grande satisfação, além de que essas demonstrações fizeram com que eu acredite na educação de tal forma que me sinto mais encorajada a dar o meu melhor diante deles.

## REFERENCIAS

CAIMI, Flávia Eloisa. **Aprendendo a ser professor de história** / Flávia Eloisa Caimi. – Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2008.

CARDOSO, Maria Inês Silva Teixeira, BATISTA, Paula Maria Fazendeiro and Graça, Amâncio Braga Santos. **A identidade do professor: desafios colocados pela globalização**, Rev. Bras. Educ. [online]. 2016, vol. 21, n. 65, PP. 371- 390.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica** / Luís Fernando Cerri. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. In: \_\_\_\_\_ Democratização da Escola Pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992.

MOTOOKA, Debora Yumi. **Para viver juntos: história, 6º ano: ensino fundamental/ 1. Ed. Ver.** – São Paulo: Edições SM, 2009. – (Para viver juntos)

SCOCUGLIA, Afonso Celso e PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Educação e história no Brasil Contemporâneo**. João Pessoa, PB: Universitariz – UFPB/ PPGE, 2003.

